

Diálogos

Diálogos - Revista do Departamento de
História e do Programa de Pós-Graduação em
História

ISSN: 1415-9945

rev-dialogos@uem.br

Universidade Estadual de Maringá
Brasil

Minin Martin, Andrey

PRÁTICAS, EXPERIÊNCIAS E OS (DES) CAMINHOS DA LUTA PELA TERRA EM TRÊS LAGOAS -
MS

Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História, vol.
14, núm. 1, 2010, pp. 215-219
Universidade Estadual de Maringá
Maringá, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305526880011>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

PRÁTICAS, EXPERIÊNCIAS E OS (DES) CAMINHOS DA LUTA PELA TERRA EM TRÊS LAGOAS - MS *

*Andrey Minin Martin***

O presente estudo teve por objetivo compreender as trajetórias, memórias e experiências dos sujeitos participantes dos movimentos sociais no campo na região de Três Lagoas - MS a partir de fins da década de 1970, buscando evidenciar as diferentes formas de organização, mediação e representação presentes na luta pela terra nesse espaço.

Na virada para o século XXI, aproximadamente 45 famílias cadastradas no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Três Lagoas se organizaram junto com este mediador (o sindicato) e iniciaram a formação de um acampamento às margens da BR 163, em busca de ocupar terras na fazenda Pontal do Faia, que estava em processo de desapropriação pelo INCRA. Ao analisar minuciosamente as ocorrências deste evento deparei com a existência de uma problemática que vai muito além daquela luta, envolvendo uma disputa pela posse da terra que abrangia outros sujeitos e outras lutas em todo o município desde fins da década de 1970.

Pode-se observar que a disputa pela posse da terra foi motivada por diferentes circunstâncias ao longo do período estudado, cada uma das quais tinha suas particularidades, mas em todas os sujeitos estavam empenhados na conquista de um espaço para viver. Junto a esses sujeitos se buscou entender a participação dos agentes mediadores no processo de organização das lutas, como cada um difundiu suas ações, as disputas em que se envolveram e a representação que tiveram em cada um dos momentos, questões que contribuem para compreensão deste momento histórico.

A problemática da questão agrária presente na região encontra-se emaranhada em um Estado em que o latifúndio e a disputa por terras estão presentes desde sua formação e cuja história revela um passado de

* Texto recebido em 30 de março de 2010 e aprovado em 17 de abril de 2010.

** Mestre em História pela Universidade Estadual de Maringá-UEM, com a dissertação "Práticas, experiências e os (Des) caminhos da luta pela terra em Três Lagoas-MS", defendida em 2010, sob orientação do Prof. Dr. Ângelo A. Priori.

concentração fundiária, de lutas, resistências e ocupações registradas já antes de sua criação, em 1977. Caracterizadas por diferentes práticas e modos de vida e de luta, as memórias deste passado se abrem para a continuidade no tempo presente, ganhando forma de um conflito que marca a conquista de um pedaço de chão.

Como acontece em todo o Estado, essas condições também se apresentaram no desvelar da problemática presente na região pesquisada, o que constitui uma das justificativas da pesquisa. Desde os primeiros momentos de povoamento, no século XIX, a região de Três Lagoas foi palco de disputas territoriais envolvendo ações de particulares, projetos governamentais e uma gama de relações em que estavam presentes o coronelismo, a pistolagem e políticas baseadas no desenvolvimento econômico da grande propriedade. Esse fato ainda configura a atual situação do município, com suas grandes propriedades onde predominam a pecuária e, cada vez mais, a monocultura.

Esta situação, historicamente presente na região, foi acompanhada da ação de grupos e sujeitos que questionavam a condição de oprimidos e excluídos da posse da terra. Na maioria das vezes a força da mão que conduzia à situação vigente foi mais forte, em face do crescimento das grandes propriedades, da expulsão de sujeitos do campo e da crescente dependência de categorias de trabalhadores para com os grandes proprietários. Essa situação marcaria a primeira metade do século XX; mas vieram novos tempos, novos sujeitos e a formação de grupos organizados, e as experiências destes grupos contribuíram para o germinar de novos movimentos sociais, os quais, por meio de manifestações e de uma organização baseada em seu cotidiano e da ação de mediadores como os sindicatos e grupos ligados à Igreja, deram início a uma série de lutas pela posse da terra na região. A busca por compreender estas ações foi o que levou à iniciativa de realizar a presente pesquisa.

Desta forma, constituiu-se como recorte temporal da pesquisa compreender as lutas que se formaram em Três Lagoas a partir de fins da década de 1970, momento em que se destacam as primeiras organizações e manifestações destes movimentos sociais juntamente com o gestar de alguns dos principais mediadores que colaboraram nas ações. A necessidade deste recorte temporal deveu-se ao intenso trabalho junto às fontes, que exigiu a definição de alguns eixos de pesquisa, o que possibilitou uma melhor compreensão do desenvolver-se de toda a

problemática, com seus avanços e recuos, conquistas e perdas, bem como de sua ligação com o contexto mais amplo do Estado e do próprio País.

Para a realização do estudo foi trabalhada uma diversidade de fontes documentais, de escritas a fontes orais. Buscou-se utilizar documentos oriundos da própria organização dos movimentos, bem como palavras e expressões dos próprios sujeitos participantes e da imprensa local. Para tanto, foram buscados documentos do Núcleo de Documentação Histórica da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *Campus* de Três Lagoas e foram consultados arquivos das CPTs de Três Lagoas e de Campo Grande, do IAJES, documentos do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e do CEDAMPO - Campo Grande, além de dados provindos do IBGE e do INCRA.

Boletins informativos produzidos pelos próprios sujeitos junto aos mediadores, relatórios, panfletos, cartas, cartilhas - nada escapou de uma refinada análise para se abrirem como ricas fontes para a compreensão do objeto pesquisado.

Da mesma forma, buscou-se trabalhar com as fontes orais, mediante a realização de entrevistas com os sujeitos participantes das lutas e com os agentes mediadores presentes ao longo do movimento, o que possibilitou compreender os (des)caminhos das lutas por meio daqueles que as viveram. Por este caminho, os sujeitos, ao contarem suas experiências e expressarem suas opiniões, dão sentido a gestos e sentimentos, o que permite ao entrevistado tornar-se sujeito de seus próprios atos, de suas próprias histórias, e perceber-se como parte de um todo em que está inserido.

O próprio trabalho com estas fontes conduziu a outras pistas e levou a outros indícios do contexto a ser pesquisado. Conforme a pesquisa foi se desfendo em novas questões, a necessidade de busca de novos documentos foi se desenhando, traçando-se novos rumos para o desenvolvimento do trabalho. Neste sentido é que se foi tomando conhecimento do contexto presente no município, das manifestações ocorridas, das lutas dos ribeirinhos, dos acampamentos organizados nos anos 1980 e da teia de relações entre mediadores como a CPT, a Pastoral Social e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, até a formação do assentamento Pontal do Faia, em 2001.

Apresentada a dinâmica da pesquisa, busquei estruturar o trabalho em três capítulos, divididos pelas partes, mas complementares no todo.

No primeiro capítulo busquei apresentar uma discussão a respeito da noção de campesinato e de alguns de seus principais enfoques teóricos, observando como esta noção se encontra em movimento junto aos sujeitos do campo, estabelecendo um diálogo interdisciplinar com a historiografia, que dá suporte à discussão e contribui para se poder pensar a (re)criação camponesa ao longo dos movimentos sociais ocorridos na história. A partir de tal discussão estabelecemos um diálogo com o campo brasileiro, suas manifestações ao longo da história e o modo como os novos movimentos sociais tomaram corpo e forma junto aos agentes mediadores destas lutas.

No segundo capítulo adentrei a discussão sobre o espaço pesquisado, apresentando os principais caminhos da história do Estado de Mato Grosso do Sul e do município de Três Lagoas. Nele enfoquei as manifestações do campo e o modo como se constituíram tais movimentos naquele território, destacando o estabelecimento do homem do campo na região, as disputas pela terra e o gestar dos principais agentes mediadores das lutas. Observei como o processo de ocupação da região possibilitou a formação de grandes propriedades e o estabelecimento de empresas estrangeiras, resultando no monopólio das terras e na expulsão do homem do campo. Esta se tornou uma região dominada pelo coronelismo e palco de lutas pela posse da terra, no contexto de uma república caracterizada pelo mandonismo agrário-conservador, que se utilizava do bloqueio ao acesso à terra para a manutenção do poder local.

Somado a isto, analisei como se constituiu o gestar das lutas neste espaço e como se formaram os novos movimentos sociais, decorrentes das lutas dos ribeirinhos e ilhéus a partir da década de 1970, motivadas pela construção de complexos hidrelétricos ao longo da região do Alto Paraná e a consequente formação dos primeiros acampamentos na década de 1980. Destaca-se neste momento uma reflexão sobre a participação da Comissão Pastoral da Terra (CPT) na mediação destes movimentos e sobre a constituição de acampamentos como o Jatobá, em 1984, e América Rodrigues da Silva, em 1986. É de se ressaltar o árduo trabalho em realizar este mapeamento e discussão, em vista da dificuldade em encontrar trabalhos sobre a região, tendo-se muitas vezes que ampliar o foco para melhorar a compreensão do contexto pesquisado.

No terceiro e último capítulo centrei a discussão na formação do primeiro assentamento no município, o assentamento Pontal do Faia, buscando observar como, a partir da década de noventa, a organização

sindical traçou os caminhos para o gestar de novas possibilidades de conquista de terras na região que resultaram na formação de um novo acampamento e na consolidação do assentamento. A partir desse fato busquei desvelar como se deu tal organização, suas relações políticas e sociais, quem são os sujeitos envolvidos e como este assentamento se encontra consolidado ao longo dos anos, seus caminhos e as possíveis dificuldades enfrentadas, para assim esboçar um balanço do contexto em que este se formou.

O assentamento aparece assim como espaço onde novos modos e práticas misturam-se com o velho, com as experiências adquiridas ao longo da vida. Novas relações de vizinhança, reciprocidade e participação política são apreendidas no decorrer da consolidação do assentamento, mesclando conformismos e resistências, visto que muitas vezes se observa a própria reprodução de relações de dominação a que outrora esses sujeitos estiveram submetidos. Talvez esta questão leve a pensar principalmente como são construídos os caminhos na conquista da terra, as experiências apreendidas nos movimentos, visto que muitos deles, já com idade avançada, nunca participaram de movimentos sociais.

As reflexões expressas ao longo do trabalho acabam por apresentar o diálogo entre os sujeitos da pesquisa e este que a desenvolve, portanto posso considerar que as experiências são mútuas, justificando a consideração de tais relatos. O trabalho ganhou forma e novos contornos e se encontra agora expresso pelas páginas da dissertação, em busca de novos indícios e pistas que deem continuidade a tais discussões. Os relatos e experiências do pesquisador, apreendidos no caderno de campo, somados à leitura crítica das fontes, contribuíram também para a desconstrução de algumas imagens que por vezes carregamos sobre a vida e trabalho no campo, sobre aqueles que lutam pela terra e como eles vivem.